

MUSEU DA HORTA Faial, Açores

Sérgio Lira

Professor Auxiliar | Universidade Fernando Pessoa

slira@ufp.pt

O Museu da Horta é actualmente composto por dois núcleos, de características muito diferentes. Um deles está localizado na cidade da Horta, o outro na freguesia do Capelo, do outro lado da ilha. O primeiro tem uma feição mais clássica de museu, contando no seu espólio peças de arte sacra, de etnografia e de escultura em miolo de figueira, uma arte local que o museu apresenta num dos seus expoentes maiores. O outro núcleo é inteiramente dedicado à erupção do vulcão dos Capelinhos, sendo a colecção dedicada a esse fenómeno geológico que tanto mudou a ilha do Faial.

O núcleo da cidade da Horta corresponde, institucionalmente, à criação do museu. Data a sua oficialização de 1977. Este núcleo está instalado num dos edifícios mais significativos da arquitectura setecentista da cidade, a ala sul do Colégio dos Jesuítas. As vicissitudes deste edifício estão ligadas à actividade sísmica do Faial; a última grande destruição de que foi vítima data de 1926 quando um terramoto de grande magnitude provocou estragos consideráveis. As obras de reconstrução decorreram nos anos seguintes e o edifício albergou (e ainda alberga) alguns dos serviços público da Horta. Entre eles o Museu, que apenas passou a ocupar as instalações actuais em 1989. Em 1991 passou a ser considerado museu regional e em 2000 viu associado o núcleo relativo ao vulcão dos Capelinhos. Este núcleo apenas foi instalado na casa em que presentemente se encontra em 1992, mas a constituição de parte da colecção que o compõe data da erupção, ocorrida entre 1957 e 1958. Em 1964 já uma parte dessa colecção estava disponível ao público. Actualmente é visitável numa casa de traça tradicional, construída

em pedra vulcânica que se enquadra na paisagem construtiva e humana da freguesia em que se encontra.

As colecções que compõem o núcleo da Horta são constituídas pela herança de outras instituições de feição museológica privada e, assim, o acervo é abrangente em termos temáticos, pretendendo representar aspectos variados da ocupação humana do Faial, com cerca de cinco séculos e meio de existência. Está presente a arte sacra e a etnografia sendo de destacar uma colecção única, de esculturas em miolo do figueira, entregue ao museu por vontade do seu artista, Euclides Silveira da Rosa, um faialense que viveu entre 1910 e 1979. A colecção do núcleo do Capelo é constituída, principalmente, por fotografias, material gráfico que ilustra o fenómeno da erupção, peças geológicas recolhidas durante e depois da actividade vulcânica e ainda uma série de outros elementos que permitem obter uma imagem dos impactos sociais que a erupção teve em toda a ilha. É possível acompanhar, através dos elementos expostos, a erupção do vulcão, quase mês a mês, compreendendo a destruição provocada na ilha já existente e a construção de uma nova parte da ilha.

A visita ao Museu da Horta inicia-se na subida da íngreme rua que dá acesso ao edifício do Colégio dos Jesuítas. Da praça, no nível abaixo, é possível admirar a imensidão do edifício, com uma fachada imponente e claramente setecentista. Mas a visão de cá de baixo não deixa adivinhar que o museu tem acesso por uma das portas da fachada... é necessário saber, ou subir para ver a placa à porta. Ainda antes de entrar, se o visitante tiver a sorte que eu tive, pode ser que ouça um concerto de órgão vindo do interior da igreja; nesse caso, vale a pena adiar um pouco a visita ao museu e entrar na igreja barroca.

Logo à entrada do museu deparamos com o balcão da recepção, ao lado esquerdo. Aí se compra o bilhete de acesso e já se pode observar o cadeirão que terá servido a D. Carlos aquando da visita à ilha. Esta peça é manipuladora da atenção: exposta num plinto, com um espelho que permite observar o lado menos visível, atrai irresistivelmente a atenção de quem entra no museu. Mas, vista mais de perto, perde parte do encanto: o tecido verde do cadeirão, na parte mais usada, está muito puído, pelo que o restauro empregou um outro tecido de cor e constituição um tanto duvidosas... mas a legenda não esclarece se esse restauro terá sido de responsabilidade do museu, ou anterior. Ainda

antes de alcançar a escada, o átrio oferece ao visitante que se não deixe atrair pelo cadeirão uma série de informações (em texto e fotografia) acerca da história do edifício e das obras que sofreu.

Subidas as escadas, ladeadas de objectos de evocação marítima (hélices, objectos de marear, lunetas) tem-se acesso à primeira sala de exposições temporárias. Quando lá estive, estava disponível ao público a exposição “Arte Pisada”, acerca da calçetaria dos passeios da Horta. Uma pequena sala, rodeada de fotografias de algumas das obras de arte realizadas nos passeios da cidade, onde é possível compreender a realização da calçada de basalto e calcário, desde a sua concepção, passando pela construção dos moldes, até à aplicação das pequenas pedras nos passeios das ruas. Também explicados estavam os motivos principais actualmente pisáveis pelas ruas da Horta.

A sala seguinte estava ocupada por uma outra exposição temporária, esta de arte contemporânea, constituída por pintura escultura. As condições de exposição deste tipo de peça não seriam as melhores, mas o conjunto da sala resultava num percurso agradável.

Daqui havia acesso a outras duas salas: uma onde está exposta a arte sacra e a última, onde se encontram as esculturas em miolo de figueira. Na sala da arte sacra é possível observar peças que datam desde o século XVI, exposta de forma clássica e legendadas de forma igualmente clássica. As peças são também o que se espera de uma exposição com este epíteto: estatuária de madeira, relicários, cruces, alfaias religiosas várias. O visitante poderá experimentar um pouco de “*déjà vu*” se for um utilizador assíduo de museus com colecções congêneres. No entanto, tal é impossível na última sala do museu: nesse compartimento está exposta uma colecção única. Trata-se de um conjunto de setenta esculturas, ocupando quatro dezenas de vitrines, construídas com minúsculos e frágeis fragmentos de miolo de ramo de figueira (num total de cerca de trinta e cinco mil) e que, no conjunto, pesam pouco mais de um quilograma! As esculturas são miniaturas realizadas à escala, tendo por modelos barcos, aldeias, edifícios famosos, moinhos, paisagens, cenas do quotidiano. Foram construídas ao longo de uma vida, por um faialense apaixonado por aquela arte de laminar o miolo da figueira e de colar os minúsculos fragmentos obtidos com goma arábica até lhes conferir o estatuto de verdadeira obra de arte escultórica. A colecção viajou com o seu autor por muito longe,

esteve exposta em muitas salas de muitas cidades do mundo, tendo depois regressado à origem açoreana onde se encontra. Para além das esculturas propriamente ditas, estão também expostos os instrumentos usados na sua construção e algumas fotografias do artista em actividade. Uma nota ainda quanto à técnica expositiva nesta sala: algumas das miniaturas foram mecanizadas pelo seu autor, com engenhosos mecanismos escondidos, que davam movimento a algumas das peças. Para que o visitante se aperceba desses pequenos “truques” mecânicos, há espelhos judiciosamente colocados que mostram a relojoaria existente no interior das esculturas.

Quanto ao núcleo do vulcão do Capelinhos, o acesso faz-se a partir da estrada, quer se vá quer se venha da visita ao velho farol abandonado e à rampa de embarque dos antigos caçadores de baleias. Indo, ou vindo, da visita ao vulcão agora pacificado, é impossível não encontrar o núcleo museológico, mesmo à beira da estrada. O edifício, se bem que expresse com evidência a recente data de obras, integra-se na paisagem e no estilo de construção local. O visitante encontrar-se-á rodeado de pedra vulcânica por todos os lados... nas paredes da casa e nas evidências materiais do fenómeno que nos finais da década de cinquenta abalou a ilha do Faial. As fotografias e os pequenos videos mostram todas as fases da erupção, os mapas e os diagramas explicam o que se passou, as pedras e bombas vulcânicas expelidas pelo novo pedaço da ilha dão testemunho da violência do fenómeno... e os recortes de jornais e as estatísticas mostram os impactos sociais, e não apenas geológicos, que o vulcão dos Capelinhos teve na vida do Faial.

O museu, no seu conjunto, não pode ser considerado especialmente entusiasmante... No núcleo urbano a legendagem é essencialmente não interpretativa e o visitante não é convidado a tomar parte activa na exposição ou na visita. As vitrines são absolutamente clássicas na sua maioria. À excepção de um senhor que diligentemente se nos dirigia e explicava os espólios expostos, nada atraía em especial a atenção. Aliás, num Domingo à tarde, para além de mim apenas um casal de turistas visitava o museu. No entanto, a exposição das miniaturas de Euclides Rosa, pela espectacularidade das peças em exposição e pela humanidade que transmitem, vale bem subir a rua inclinada e subir as escadas do museu. Assim também o núcleo do vulcão, que pelo testemunho que dá do fenómeno, vale bem parar a viagem e passar algum

tempo visitando. Perceber o extremo novo da ilha, perceber a paisagem arquitectónica passada e recente do Faial, e perceber muito do que a sua sociedade é hoje, passa, inevitavelmente, por uma visita a este núcleo.